

## APÊNDICE 2 - OS MITOS DE HERMES E PROMETEU

Michel Serres propõe compreender o essencial das transformações em curso na sociedade contemporânea a partir de duas figuras da mitologia grega: Hermes e Prometeu. Segundo Serres, a grande transformação da sociedade que ele chamou de “pedagógica” poderia ser ilustrada com a passagem de um ciclo econômico-cultural, *fundado no mito de Prometeu*, para um outro ciclo, *baseado no mito de Hermes*. Assim diz ele:

Tanto no trabalho como na cultura, as cinco últimas décadas viram, de repente, Hermes-mensageiro, emblema da comunicação, tomar o lugar de Prometeu, o herói das forjas e das artes do fogo que tinha dominado o século passado. A informação sucedia à transformação; às energias duras substituíam as suaves, não certamente para realizar os mesmos trabalhos, mas para dar sua cor e seu estilo à nova civilização.<sup>(1)</sup>

No mundo contemporâneo, o *princípio mensageiro*, ter-se-ia tornado a fonte essencial de todas as relações sociais, econômicas, políticas, culturais e pedagógicas. Assim, Prometeu, imagem do trabalho e do sofrimento humano, da “iluminação pela dor”, na *sociedade pedagógica* de Serres, estaria cedendo lugar a de Hermes, deus da comunicação e do comércio. Protetor das artes e das *technes* aladas, senhor da “leveza”, patrono dos filósofos, comerciantes, oradores, Hermes teria estabelecido seu reinado sobre a terra.<sup>(2)</sup>

Em seguida, procura-se refletir, com mais amplitude, sobre o sentido e o significado dos mitos evocados por Serres, a fim de auxiliar na compreensão das mutações antropológicas em curso. Assim, elabora-se, primeiramente, o mito de Prometeu,<sup>(3)</sup> a partir dos poetas gregos antigos, Hesíodo e seus dois grandes poemas, *O Trabalho e os Dias* e *Teogonia*, e, *Ésquilo*, com a única peça integral que restou da tetralogia de Prometeu, o *Prometeu acorrentado*, com o apoio fundamental dos estudos feitos por Jaeger Werner e Junito de Souza Brandão. Já o mito de Hermes se analisado principalmente em torno do trabalho de Souza Brandão e da interpretação de Italo Calvino.

## 2.1 Prometeu torturado protetor

Nos poemas, *Os trabalhos e os dias* e *Teogonia* (séc. VIII-VII aC, prov.), Hesíodo apresenta Prometeu como aquele Deus que roubou o fogo a Zeus para reentregá-lo à humanidade sofredora. Este Deus Titânico, “*Prometeu de curvo-tramar*” que enfrenta Zeus, “Deus dos homens e dos Deuses”, para o bem da humanidade é, na poesia de Hesíodo, o herói mitológico que é o protetor da humanidade. Em razão de seu amor à humanidade, enganou Zeus que, por isso, o castiga cruelmente junto com seus protegidos.

Segundo a *Teogonia* de Hesíodo, Zeus castigou duramente Prometeu por este pretender beneficiar a humanidade em detrimento dos deuses. Mandou prendê-lo com correntes inquebrantáveis ao meio de uma coluna “...e sobre ele incitou uma águia de longas asas/ela comia o fígado imortal, ele crescia à noite/todo igual o comera de dia a ave de longas asas...”<sup>(4)</sup> Prometeu enganara Zeus em duas ocasiões. Primeiro, quando em Meconá, se “discerniam Deus e homens mortais”, Prometeu, ao dividir um grande boi, astutamente, reservou para os homens as carnes e para os deuses, as alvas gorduras e, depois, quando roubou o fogo a Zeus.<sup>(5)</sup> Vejam-se os versos de Hesíodo:

...Zeus de imperecíveis desígnios  
soube, não ignorou a astúcia; nas entranhas previu  
males que aos homens mortais deviam cumprir-se.  
Com as duas mãos ergueu a alava gordura,  
raivou nas entranhas, o rancor veio ao seu ânimo,  
quando viu alvos ossos do boi sob dolosa arte.  
Por isso ao imortais sobre a terra grei humana  
Queima os alvos ossos em altares turiais.  
E colérico disse-lhe Zeus agrega-nuvens:  
“Filho de Jápeto, o mais hábil em seus desígnios,  
ó doce, ainda não esqueceste a dolosa arte!”.  
Assim falou irado Zeus de imperecíveis desígnios,  
depois sempre deste ardil lembrado  
negou nos freixos a força do fogo infatigável  
aos homens mortais que sobre a terra habitam.  
Porém o enganou o bravo filho de Jápeto:  
furtou o brilho longevivo do infatigável fogo  
em oca férula; mordeu fundo o ânimo  
a Zeus tonítro e enraivou seu coração  
ver entre homens o brilho longevivo do fogo.  
E criou já ao invés do fogo um mal aos homens...

Não se pode furtar nem superar o espírito de Zeus  
Pois nem o filho de Jápeto o benéfico Prometeu  
Escapou-lhe à pesada cólera, mas sob coerção  
Apesar de multissábio a grande cadeia o retém.<sup>(6)</sup>

Vejam-se os versos de Hesíodo, em que são introduzidos os mitos de *Prometeu e Pandora em Os trabalhos e os dias*:

Oculto retêm os deuses o vital para os homens;  
senão comodamente em um só dia trabalharias  
para teres por um ano, podendo em ócio ficar;  
acima da fumaça logo o leme alojarias,  
trabalhos de bois e incansáveis mulas se perderiam.  
Mas Zeus encolerizado em suas entranhas ocultou,  
Pois foi logrado por Prometeu de curvo-tramar;  
Por isso para o homens tramou tristes pesares:  
Ocultou o fogo. E de novo o bravo filho de Jápeto  
Roubou-o do tramante Zeus para os homens mortais  
Em oca férula, dissimulando-o de Zeus frui-raios.  
Então encolerizado disse o agrega-nuvens Zeus:  
"Filho de Jápeto, sobre todos hábil em tuas tramas,  
apraz-te furtar o fogo fraudando-me as entranhas;  
grande praga para ti e para os homens vindouros!  
Para esses em lugar do fogo eu darei um mal e todos se alegrarão no  
ânimo, mimando muito este mal."<sup>(7)</sup>

Este mal será Pandora,<sup>(8)</sup> que, sendo dotada de encantos mil, no entanto, leva aos homens o mal da curiosidade. Zeus, o "agrega-nuvens" de invencíveis desígnios, ordena a Hermes colocar neste belo corpo de mulher, "espírito de cão e dissimulada conduta".<sup>(9)</sup>

Algumas características do mito de Hermes, com efeito, já podem ser vistas aqui. Hermes é o "Mensageiro Argifonte", "arauto dos deuses", a quem Zeus ordena colocar em Pandora, "mentiras, sedutoras palavras e dissimulada conduta". Hermes aparece como "íncrito Argifonte/ veloz mensageiro dos deuses". Foi Hermes quem deu a este mal o nome de "Pandora, porque todos os que têm Olímpia morada deram-lhe um dom, um mal aos homens que comem pão". E foi ele quem levou a Epimeteu o "presente". Irmão de Prometeu, Epimeteu, cujo nome significa "reflexão tardia",<sup>(10)</sup> ou "aquele que conhece depois" em oposição a Prometeu, o previdente,<sup>(11)</sup> aceitou o presente, abrindo, assim, o caminho para todos os males que sofrem os humanos sobre a terra. Epimeteu, pois:

...não pensou no que Prometeu lhe dissera jamais dom  
do Olímpio Zeus aceitar, mas que logo o devolvesse  
para mal nenhum nascer aos homens mortais.  
Depois de aceitar, sofrendo o mal, ele compreendeu. [Epimeteu]  
Antes vivia sobre a terra a grei dos humanos a recato dos males, dos  
difíceis trabalhos, das terríveis doenças que ao homem põem fim;  
Mas a mulher, a grande tampa do jarro alçando,  
Dispersou-os e para os homens tramou tristes pesares.  
.....  
Mas outros mil pesares erram entre os homens;  
plena de males, a terra, pleno, o mar;  
doenças aos homens, de dia de noite,  
vão e vêm, espontâneas, levando males aos mortais,  
em silêncio, pois o tramante Zeus a voz lhes tirou.<sup>(12)</sup>

Com os mitos de *Prometeu e Pandora*, Hesíodo procura uma explicação para os incontáveis sofrimentos humanos na terra. É, nesse contexto, que Hesíodo apresentará o mito das *cinco raças* segundo o qual os homens que, originalmente viviam como deuses, acabam por degenerar ao estado de sofrimento em que se encontram.

Assim, durante o período da *Raça de Ouro*, os homens viviam como deuses, sem males, doenças, “morriam como tomados pelo sono”, tudo aí era abundante... Cobertos pela terra, tornaram-se, por Zeus, “...corajosos, ctônicos, curadores dos homens mortais.” Já, na *Raça de Prata*, “bem inferior”, os homens eram desmedidos, sem devotarem-se aos deuses, foram ao cabo, transformados em “hipoctônicos, venturosos pelos mortais, segundos”, apesar de honra os acompanhar. Durante a existência da *Raça de Bronze*, eram guerreiros invencíveis, que, entretanto, sucumbiram pelas próprias mãos até o “gélido Hades; anônimos”, vivendo sem a luz do sol. Em seguida, Zeus fez ainda uma quarta “...mais justa e mais corajosa raça divina de homens heróis e são chamados semideuses, geração anterior à nossa na terra sem fim”, a *Raça dos Heróis*. Por fim, gerou-se a *Raça de Ferro*, que corresponde à forma atual do humano. Aí, diz Hesíodo, os homens “nunca durante o dia cessarão de labutar e penar e nem à noite de se destruir; e árduas angústias os deuses lhes darão.” Mas, continua, bens a esses males “estarão misturados”. Mas, ímpios, invejosos, ciumentos, ingratos, desrepeitosos acabarão por ser destruídos por Zeus. Os imortais “...tristes pesares vão deixar aos homens mortais. Contra o mal força não haverá!”<sup>(13)</sup>

Aos homens, entretanto, honestos, cabe o recurso ao trabalho. E Hesíodo será o poeta que cantará os feitos do homem trabalhador, em uma nítida atmosfera comercial e pacífica, diferente daquela sugerida pelos poemas homéricos. Hesíodo fará, pois, um grande elogio do trabalho. Ele exorta seu irmão, Perses, com o qual se encontrava em atrito, a seguir o mesmo caminho, deste modo:

Mas tu, lembrando sempre do nosso conselho,  
Trabalha, ó Perses, divina progênie, para que a fome  
Te deteste e te queira a bem coroada e veneranda  
Deméter, enchendo-te de alimentos o celeiro; (...)  
Por trabalhos os homens são ricos em rebanhos e recursos  
e, trabalhando, muito mais caros serão aos imortais.  
O trabalho, desonra nenhuma, o ócio desonra é!  
Se trabalhares para ti, logo te invejará o invejoso  
porque prosperas; à riqueza glória e mérito acompanham.  
Por condição és de tal forma que trabalhar é melhor,  
dos bens de outrem desvia teu ânimo leviano e,  
com trabalho, cuidando do teu sustento, como te exorto.  
.....  
Doar é bom, roubar é mau e doador de morte;  
pois o homem que dá de bom grado, mesmo doando muito,  
alegra-se com o que tem e em seu ânimo se compraz.<sup>(14)</sup>

E, depois de aconselhar o irmão a ter cuidado com as mulheres, “de insinuadas ancas” que, não têm em mira, senão o “celeiro”, conclui: “Se nas entranhas riqueza desejar teu ânimo, assim faz: **trabalho sobre trabalho, trabalha.**”<sup>(15)</sup> (gm)

Jaeger apresenta Hesíodo como o poeta do trabalho e da justiça, como aquele que instaurou o “mundo do espírito”. Para Jaeger, em Hesíodo, o segundo poeta grego depois de Homero:

...se revela uma esfera social totalmente diversa do mundo e cultura nobres. (...) os *Erga*, apresenta a mais viva descrição da vida campestre da metrópole grega no final do séc. VIII [aC]. (...) Homero acentua, com a maior nitidez, que toda a educação tem o seu ponto de partida na formação de um tipo humano nobre, o qual nasce do cultivo das qualidades próprias dos senhores e dos heróis. Em Hesíodo, revela-se a **segunda fonte da cultura: o valor do trabalho**. O título de *Os Trabalhos e os Dias*, dado pela posteridade ao poema rústico didático de Hesíodo, exprime isso perfeitamente. (...) A vida despreocupada da classe senhorial em Homero,

não deve induzir-nos em erro: a Grécia exige dos seus habitantes uma vida de trabalho.<sup>(16)</sup> (gm)

A forma e o conteúdo da obra, seja no mito de Prometeu, no qual “...Hesíodo encontra a solução para o problema do cansaço e dos sofrimentos da vida humana”, seja no mito das cinco idades, o qual deveria explicar a razão da “...enorme distância entre a própria existência e o mundo resplandecente de Homero, e reflete a eterna nostalgia do Homem por melhores tempos”, seja ainda no “...mito de Pandora, que é alheio ao pensamento cavaleiresco e exprime a concepção triste e prosaica da mulher como fonte de todos os males.”, revelam, segundo Jaeger, “sua herança popular” em total contraste “à cultura da nobreza”.<sup>(17)</sup>

O trabalho e os sofrimentos devem ter aparecido algum dia no mundo. Não podem ter feito parte, desde a origem, da ordem divina e perfeita das coisas. Hesíodo assinala-lhes como causa a sinistra ação de Prometeu, o roubo do fogo divino, que encara do ponto de vista moral. Como castigo, Zeus criou a primeira mulher, a astuta Pandora, mãe de todo o gênero humano. Da caixa de Pandora, saíram os demônios da doença, da velhice, e outros males mil que hoje povoam a Terra e o mar.<sup>(18)</sup> (gm)

Hesíodo é o poeta da *diké*, o “profeta do direito”. Segundo Jaeger, “depois de ter deixado bem clara aos olhos do leitor a infelicidade da luta, é hora de evidenciar o valor do trabalho. O trabalho é celebrado como o único caminho, ainda que difícil, para alcançar a *arete*. O conceito abarca simultaneamente a habilidade pessoal e o que dela deriva - bem-estar, êxito, consideração”. (gm) A *arete* em questão não é mais a aristocrática guerreira, como em Homero, mas a “...do homem trabalhador, que tem a sua expressão numa posse de bens moderada”. Assim, o que importa é uma virtude que será alcançada com o suor do próprio rosto:

Em vez dos ambiciosos torneios cavaleirescos exigidos pela ética aristocrática, surge a calada e tenaz rivalidade no trabalho. O Homem deve ganhar o pão com o suor do seu rosto. Mas isso não é uma maldição, é uma bênção. É este o preço da *arete*. Assim, ressalta, com perfeita nitidez, que Hesíodo quer com plena consciência colocar ao lado do adestramento dos nobres, tal como se espelha na epopéia homérica, uma educação popular, uma doutrina da arte do homem simples. A justiça e o trabalho são os pilares em que ela assenta.<sup>(19)</sup> (gm)

É, pois, com Hesíodo que uma nova classe popular ganha sua autoconsciência. Em sua poesia, diz Jaeger, "...consuma-se diante dos nossos olhos a formação independente de uma classe popular, excluída até então de qualquer formação consciente".<sup>(20)</sup> Em suma, é com o poeta Hesíodo "...que começa o domínio e o governo do espírito, que põe o seu selo no mundo grego. É o 'espírito', no sentido original, o autêntico *spiritus*, o sopro dos deuses, que ele próprio descreve como verdadeira experiência religiosa...".<sup>(21)</sup>

A análise de Junito de Souza Brandão sustenta proposição semelhante à de Jaeger. Segundo aquele, duas leis fundamentais na *Teogonia* "...estão intimamente ligadas: a necessidade do trabalho e o dever de ser justo. *Trabalho* e *Justiça* jamais poderão separar-se, porque a carência do primeiro gera a *violência*, isto é, a *injustiça*". A "...lei do trabalho é fundamentada numa razão metafísica, quer dizer, num mito: o mito de Pandora", que se inicia já com o castigo de Prometeu.<sup>(22)</sup> Nos *Erga*, Hesíodo faz um "Elogio do Trabalho" e "da Justiça". O trabalho aparece como "...um preceito imposto pela vingança de Zeus. O mito de Prometeu e Pandora explica a origem dessa lei, assim como todas as desgraças que atormentam o homem...", enquanto que, com o mito das *Cinco Idades*, se revela a "necessidade da justiça". Somente "...a dedicação ao trabalho e à justiça assegura a prosperidade nesta vida e a recompensa na outra. Ao revés, os que se deixam dominar pela *hýbris*, pela 'démeseure', pelo descomedimento, serão implacavelmente castigados nesta e no além".<sup>(23)</sup>

Para Souza Brandão, em "...Hesíodo, o *ánthropos*, o *homo*, isto é, o *húmus*, o barro, a argila, o 'descendente' de Epimeteu e Pandora", é aquele "que ganha a vida duramente com o suor de seu rosto", enquanto, em "...Homero, o herói se mede por sua *arete*, excelência, e *time*, honra pessoal; em Hesíodo, a *arete* e a *time* se traduzem pelo trabalho e pela sede de justiça".<sup>(24)</sup>

Os mitos de Prometeu e Pandora "...explicam a origem do 'desígnio do pai dos deuses e dos homens a que ninguém escapa' e a punição dos mortais".<sup>(25)</sup> Prometeu,

O filho de Jápeto, bem antes da vitória final de Zeus, já era um benfeitor da humanidade. Essa filantropia, aliás, lhe custou muito caro. Foi pelos homens que Prometeu enganou a seu primo Zeus por duas vezes. Numa primeira, em Mecone (nome antigo de Sicione, cidade da Acaia), quando lá 'se resolvia a querela dos deuses e dos homens mortais' (*Teog.*, 535, 536). Essa disputa certamente se devia à desconfiança dos deuses em relação aos homens, protegidos pelo filho de um dos *Titãs*, que acabam de ser vencidos por Zeus. (...) [Este] vendo-se enganado, 'cólera encheu sua alma, enquanto o ódio lhe subia ao coração'. O terrível castigo de Zeus não se fez esperar: privou o homem do fogo, quer dizer, simbolicamente dos *nûs*, da inteligência, tornando a humanidade *anóetos*, isto é, imbecilizou-a. <sup>(26)</sup> (gm)

Entretanto, uma vez mais o heróico Prometeu ousou enfrentar Zeus, "...roubou uma centelha do fogo celeste, privilégio de Zeus, ocultou-a na haste de uma férula e a trouxe à terra, 'reanimando' os homens. O Olímpico resolveu punir exemplarmente os homens e a seu benfeitor". <sup>(27)</sup> (gm) Zeus, então, imaginou para os humanos, tristes pesares, através de uma mulher, a "irresistível Pandora" e contra Prometeu sofrimentos sem igual.

Consoante a *Teogonia* (521-534), Prometeu foi acorrentado com grilhões inextricáveis no meio de uma coluna. Uma águia enviada por Zeus lhe devorava durante o dia o fígado, que voltava a crescer à noite. Heracles, no entanto, matou a águia e libertou Prometeu, com a anuência do próprio Zeus, que desejava se ampliasse por toda a terra a glória de seu filho, e a despeito de seu ódio, Zeus renunciou ao ressentimento contra Prometeu... <sup>(28)</sup>

Quanto ao "belo mal", foi Hermes que lhe encheu "...o coração de artimanhas, impudência, astúcia, ardis, fingimento e cinismo. (...) Por fim, o mensageiro dos deuses concedeu-lhe o dom da palavra e chamou-a *Pandora*, porque são *todos* os habitantes do Olimpo que, com este *presente*, "presenteiam" os homens com a desgraça!". Foi, pois, Pandora que, por curiosidade, levou o mal aos homens. Até então, "a raça humana vivia tranqüila, ao abrigo do mal, da fadiga e das doenças, mas, quando Pandora, por curiosidade feminina, abriu a jarra de larga tampa, que trouxera do Olimpo, como presente de núpcias a Epimeteu, dela evolaram todas as calamidades e desgraças que até hoje atormentam os homens. Só a *esperança* permaneceu presa junto às bordas da jarra...". <sup>(29)</sup>



Figura A2.1. Prometheus. Pintura de Elsie Russell.

Por sua vez, o mito das Cinco Idades, para Souza Brandão, é introduzido como forma de explicar a “a degradação da humanidade”.<sup>(30)</sup> Entretanto, este mito (figura A2.1) não revela “...apenas a decadência do homem, mercê do ‘crime’ de Prometeu e do envio de Pandora, mas, acima de tudo, a **necessidade do trabalho e o dever de ser justo**”.<sup>(31)</sup> (gm)

Há, de saída, uma primeira dissimetria: no primeiro plano (ouro e prata), a *Dike* (Justiça) é o valor dominante e a *Hýbris* (Violência) tem valor secundário; no segundo (bronze e heróis), sucede o contrário, a *Hýbris* predomina. (...) Dentro da idade de ferro, com efeito, existem dois tipos rigorosamente opostos: um voltado para a *Dike* (Justiça), e o outro só conhece a *Hýbris* (Violência).<sup>(32)</sup>

Segundo Souza Brandão, “Hesíodo apresentou o mitologema das *Cinco Idades* dentro de um esquema trifuncional”. Nas idades de ouro e prata, “há nítido predomínio da *Dike* (Justiça)”; em segundo plano “...(bronze e heróis) reina a *Hýbris* (a Violência); e o “...terceiro (ferro) está vinculado a um mundo ambíguo, definido pela coexistência dos contrários: (...) *Dike* e *Hýbris*, Justiça e Violência, uma ao lado da outra, oferecem ao homem duas opções igualmente possíveis entre as quais compete a ele escolher”.<sup>(33)</sup>

Sinteticamente, pode-se dizer que, no mito das Cinco Idades, na *Idade de Ouro*, não existe guerra nem trabalho. Reina *Dike*, a Justiça.<sup>(34)</sup> Na *Idade de Prata*, não há guerra nem trabalho também, mas há o predomínio da *Hýbris*.<sup>(35)</sup> Na *Idade de Bronze*, não há trabalho, mas faz-se a Guerra. Durante

a *Idade dos Heróis*, encontram-se os heróis da *Hýbris* e os heróis da *Díke*.<sup>(36)</sup>  
E, por fim, na *Idade de Ferro*, existe o trabalho e sofrimentos sem fim.

A necessidade de sofrer e batalhar na terra para obter o alimento é igualmente para o homem a necessidade de gerar através da mulher, nascer e morrer, suportar diariamente a angústia e a esperança de um amanhã incerto. É que a idade de ferro tem uma existência ambivalente e ambígua, em que o bem e o mal não estão somente amalgamados, mas ainda são solidários e indissolúveis. Eis aí por que o homem, rico de misérias nesta vida, não obstante se agarra a Pandora, 'o mal amável' (...) que trouxe aos homens 'sofrimento, trabalho penoso e das enfermidades dolorosas que trazem a morte' (*Trab.*, 90-92) As desgraças, porém, despejaram-se pelo mundo; resta, todavia, a Esperança, pois, afinal, a vida não é apenas infortúnio: compete ao homem escolher entre o bem e o mal. Pandora é, pois, o símbolo dessa ambigüidade em que vivemos. Em seu duplo aspecto de *mulher* e de *terra*, Pandora expressa a função da fecundidade, tal qual se manifesta na idade de ferro na produção de alimentos e na reprodução da vida. Já não existe mais a abundância espontânea da idade de ouro; de agora em diante, é o homem quem deposita a sua semente (*spérma*) no seio da mulher, como o agricultor a introduz penosamente nas entranhas da terra.<sup>(37)</sup>

Junio, deste modo, elabora uma síntese das idades.

Nas idades de ouro e prata, o destino final do homem é tornar-se respectivamente *daímon epikhthónios* ou *hypokhthónios*, isto é, a psiqué, *sobre* ou *sob* a terra, passa a funcionar como espírito intermediário entre os deuses e os homens. Trata-se, por conseguinte, de uma promoção.

Exatamente o contrário sucede com os homens da idade de bronze e a maioria dos heróis da idade que tem seu nome: após a morte, são lançados no Hades, onde, semelhantes à fumaça, se convertem em *mortos anônimos*, sem direito a honras ou a culto, por parte dos vivos. Hesíodo não fala em penas, em tormentos, mas pelo fato de se transformarem em mortos anônimos, sem nenhum direito a culto, fica subentendido que 'essa sombras' nada mais são que uma fumaça esquiva, o que constitui, **para o pensamento grego, no maior dos castigos, o deixar de ser**. Os heróis, porém, amantes da *Díke*, terão como recompensa eterna a Ilha dos Bem-Aventurados. (gm)

A respeito da quinta idade, a de ferro, o poeta se cala a respeito do além. Tem-se a impressão, salvo engano, de que o paraíso e o inferno da *idade de ferro*, que será, além do mais, prolongada por criaturas ainda piores, estão aqui mesmo: os que se dedicam ao trabalho, à justiça e ao respeito aos deuses, terão seus celeiros cheios e uma vida farta e tranqüila. Seu paraíso, sua Ilha dos Bem-Aventurados, é uma tríplice colheita anual. Os que se embriagarem da *Hýbris*, do descomedimento, da injustiça e da ociosidade serão escravos da fome e da miséria.<sup>(38)</sup>

Uma outra versão do mito de Prometeu é apresentada, ainda na antiguidade grega, pelo poeta trágico *Ésquilo*, em sua obra *Prometeu acorrentado*, na qual se revelam os elementos do caráter do trágico herói, em

primeiro lugar, no diálogo entre a Força e Hefesto, seu fundo *humanitário*.<sup>(39)</sup> Este humanismo do titânico Prometeu é revelado por ele mesmo na tragédia quando diz que sua desdita foi causada pelo seu desejo de ajudar aos “homens desgraçados”.<sup>(40)</sup> Prometeu é, pois, o Deus protetor dos homens. “Previdente”, “astuto”, “multissábio”, foi ele quem lhes deu razão e pensamento, pois faziam tudo “sem razão”. As artes e as técnicas, os números e as palavras também são dávidas de Prometeu.<sup>(41)</sup> Enfim, todas as *technes humanas* são devidas a Prometeu. Os remédios, as curas, a adivinhação, o conhecimento dos sonhos.<sup>(42)</sup> Prometeu é também profeta e conselheiro, como revela seu diálogo com IO.<sup>(43)</sup> Por fim, em um fragmento de *Prometeu portador do fogo*, o coro canta Prometeu como aquele que dá a vida e os dons aos homens.<sup>(44)</sup>

Para Werner Jaeger, o *Prometeu acorrentado*, de Ésquilo, seria a “tragédia do Gênio”, pois, enquanto na maioria de suas obras, a tragédia acontece desde fora, porque “vem de fora”, em *Prometeu*, ela *vem de dentro*. Os sofrimentos de *Prometeu* foram originados pela sua própria ação, deliberada por si mesmo.<sup>(45)</sup> “Contudo, sua tragédia não é pessoal no sentido individual; é apenas a tragédia da criação espiritual. Este *Prometeu* é fruto espontâneo da alma de poeta de Ésquilo.”<sup>(46)</sup>

Jaeger, pois, formula a idéia de que a fé fundamental de Ésquilo, seria precisamente a concepção de que *somente pela dor e pelo sofrimento*, o humano pode chegar ao conhecimento.

Este *Prometeu* é o fruto espontâneo da alma de poeta de Ésquilo. Para Hesíodo, era apenas o prevaricador castigado pelo crime de ter roubado o fogo de Zeus. Com a força de uma fantasia que nunca os séculos poderão honrar e admirar suficientemente, Ésquilo descobriu nesta façanha o **germe de um símbolo humano imortal**: Prometeu é o que traz a luz à humanidade sofredora. O fogo, essa força divina, torna-se o símbolo sensível da cultura. Prometeu é o espírito criador da cultura, que penetra e conhece o mundo, que o põe a serviço da sua vontade por meio da organização das forças dele de acordo com os seus fins pessoais, que **descobre os tesouros e assenta em bases seguras a vida débil e oscilante do Homem**.<sup>(47)</sup> (gm)

Prometeu representa o sofrimento como próprio à condição humana. Este deus torturado "...encarna para Ésquilo o destino da humanidade. (...) **Todos os séculos viram nele a imagem da Humanidade**".<sup>(48)</sup> Segundo Jaeger, ainda, "...a concepção fundamental do **roubo do fogo** encerra uma **idéia filosófica** de tão grande profundidade e grandiosidade humana, que o espírito do Homem jamais a poderia esgotar".<sup>(49)</sup> (gm) Prometeu representa a "heróica audácia espiritual". Diz Jaeger:

O iluminismo de todos os tempos sonhou com a vitória do conhecimento e da arte sobre as forças interiores e exteriores adversas ao Homem. Ésquilo não analisa esta crença em *Prometeu*. **Celebra apenas o herói pelos benefícios que trouxe à humanidade, ajudando-a no seu esforço para passar da noite ao dia por meio do progresso e da civilização;** (...) A insegurança e a obstinação do espírito criador não conhecem fronteiras, repete o coro. Prometeu separou-se dos titãs, seus irmãos, viu que a sua causa era desesperada, por só reconhecerem a força bruta, quando é apenas o engenho espiritual que governa o mundo (é assim que Prometeu concebe a superioridade da nova ordem olímpica do mundo sobre os titãs precipitados no Tártaro). Continua, porém, a ser um titã, pelo seu desmedido amor, que pretende erguer violentamente a humanidade sofredora acima dos limites que lhe impôs o soberano do mundo, e pelo orgulhoso ímpeto da sua força criadora. (...)

Purifica-se naquele canto coral em que se eleva do sentimento à reflexão, do **afeto trágico ao conhecimento trágico**. Chega, com isso, ao mais alto ponto que a tragédia pretende atingir.<sup>(50)</sup> (gm)

Assim, segundo Jaeger, consuma-se a fé fundamental de Ésquilo na "bênção da dor"; é no "caminho da dor" que se vence o caos. Nesse caminho, encontra-se

...o fundamento originário da religião trágica de Ésquilo. Todas as suas obras se fundam nesta **grande unidade espiritual**. (...) A comovedora intimidade desta fé, que luta arduamente em torno da **bênção da dor**, exprime com gigantesca força uma vontade reformadora cheia de profundidade e de ardor. (...)

O mistério eterno do ser, o Deus, cuja essência só pode ser pressentida nos efeitos doloroso da sua ação, *e que rasgou aos mortais o caminho dos conhecimentos, com esta lei: pela dor à sabedoria*. (...)

Só neste conhecimento o coração do poeta trágico acha repouso e se liberta "**do peso da dúvida que o atormenta**". Serve-se, para tanto, do mito, que se transforma em puro símbolo, ao celebrar o triunfo de Zeus sobre o mundo originário dos titãs e da sua força provocadora da *hybris*. Apesar de todas as violações, sempre renovadas, **a ordem vence o caos**. Tal é o sentido da dor, ainda quando não o compreendemos.<sup>(51)</sup> (gm)

E conclui com palavras que expressam, com magnificência, a importância e a grandeza do mito de Prometeu de Ésquilo:

Eis, no *Prometeu*, o sentido da 'harmonia de Zeus', que os desejos e pensamentos humanos nunca poderão ultrapassar, e à qual, em último recurso, também a titânica criação da cultura humana terá de submeter-se. (...) Enquadrado nesta ordem, também o 'homem trágico', que criou a arte da tragédia, expande a sua oculta harmonia com o ser e se ergue **pela sua capacidade de sofrimento e pela sua força vital, a um grau superior de humanidade.**<sup>(52)</sup> (gm)

Prometeu representa o Deus sofredor. O mito revela a essência do sofrimento e da sabedoria humana. O trabalho e suas penas são condições necessárias de uma humanidade espiritualizada em busca justiça. No mito, revela-se, de modo essencial, a exigência do trabalho e o sofrimento como condição da existência humana.

## 2.2 No reino alado de Hermes

Conforme a árvore genealógica da mitologia grega, Prometeu é tio de Hermes. Prometeu, filho do Titã Jápeto com Ásia (ou Clímene) e irmão de Atlas e Epimeteu, casou-se com Celeno e teve três filhos: Deucalião, Lico, Quimereu. Epimeteu com Pandora, geraram Pirra. Atlas casou-se com Pleione, de quem nasceu Maia. Esta, em união com Zeus, gerou um filho, Hermes.<sup>(53)</sup> Segundo a *Teogonia*, "Maia filha de Atlas após subir no leito sagrado/ De Zeus pariu o ínclito Hermes arauto dos imortais..."<sup>(54)</sup>

Kokkinou e Vrisimtzis, estudiosos da arqueologia dos templos e teatro gregos, apresentam Hermes como mensageiro divino dos deuses, sobretudo de Zeus. Hermes é:

O mensageiro dos deuses, especialmente de Zeus. Ele era o deus do comércio, protetor dos viajantes e atletas, bem como protetor dos oradores, filósofos e intelectuais em geral. Ele era também o condutor das almas mortas para o Hades. Ele nasceu de Zeus e Maia (a filha de Atlas).<sup>(55)</sup>

A Hermes, pois, estão ligadas as atividades de intercâmbio intelectual e comercial, de movimentação e competição, bem como ainda apresenta uma relação fundamental com as almas mortas, na medida em que ele as “transporta” para o mundo subterrâneo onde reina soberano o deus da morte, Hades. Hermes é o deus da leveza; inventor da lira e da flauta; profeta do *lógos*. (figura A2.2)

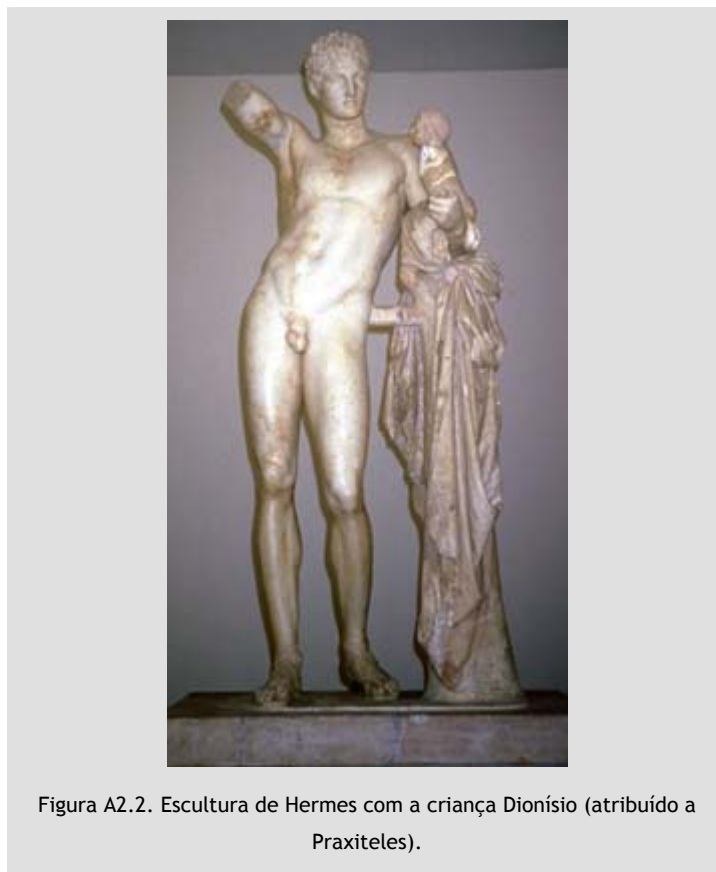


Figura A2.2. Escultura de Hermes com a criança Dionísio (atribuído a Praxíteles).

Conforme Brandão, Hermes é uma “Divindade complexa, com múltiplos atributos e funções. Hermes parece ter sido, de início, um deus agrário, protetor dos pastores nômades indo-europeus e dos rebanhos...”.<sup>(56)</sup> Por ter enganado e roubado o “rebanho de Apolo”, Hermes “se tornou o símbolo de tudo quanto implica astúcia, ardil e trapaça: é um verdadeiro *trickster*, um trapaceiro, um velhaco, companheiro amigo e protetor dos comerciantes e ladrões.” Mas, já em Homero, na *Ilíada* e *Odisséia*, o Deus é elogiado: “Hermes... o companheiro do homem...” e “Hermes, mensageiro... é o dispensador de bens”. Hermes “...gosta de misturar-se aos homens, tornando-

se, destarte, juntamente com Dioniso, o menos olímpico dos imortais.” Ele é também o “Protetor dos viajantes, é o deus das estradas. Guardiã dos caminhos, cada transeunte lançava uma pedra, formando um (hérmaion), isto é, literalmente, ‘lucro inesperado, descoberta feliz’, proporcionados por Hermes”.<sup>(57)</sup>

Entretanto, a tarefa principal de Hermes “consistia em ser o intérprete da vontade dos deuses”.<sup>(58)</sup>

Poder-se-iam multiplicar as missões e as comissões de Hermes, mas o que interessa mais de perto nesse deus tão longevo, que só *faleceu*, se é que faleceu, no século XVII, ‘são suas relações com o mundo dos homens, um mundo por definição ‘aberto’, que está em permanente construção, isto é, sendo melhorado e superado. Os seus atributos primordiais - astúcia e inventividade, domínio sobre as trevas, interesse pela atividade dos homens, psicopompia - serão continuamente reinterpretados e acabarão por fazer de Hermes uma figura cada vez mais complexa, ao mesmo que um deus civilizador, patrono da ciência e imagem exemplar das gnoses ocultas’. [Mircea Eliade] *Agilis Cyllenius*, o deus rápido de Cilene, como lhe chama Ovídio nas *Metamorfoses*, 2, 720, 818, o filho de Maia para os helenos, era o λόγιος (lóguios), o sábio, o judicioso, o tipo inteligente do grego refletido, o próprio *Logos*. Hermes é o que sabe e, por isso mesmo, aquele que transmite toda ciência secreta. Não sendo apenas um olímpico, mas igualmente ou sobretudo um ‘companheiro do homem’, tem o poder de lutar contra as forças ctônias, porque as conhece (...). - ‘Mercúrio (nome latino de Hermes) costumava ser invocado nas cerimônias dos magos como transmissor de fórmulas mágicas’.<sup>(59)</sup> (gm)

Hermes é “*Ad utrumque peritus*, ‘hábil em ambas as funções’, isto é, versado em conduzir para a *luz* ou para as *trevas*: eis aí o grande título de Hermes, o vencedor mágico da obscuridade, porque *sabe* tudo e, por esse motivo, *pode* tudo.” Hermes permaneceu como um Deus vitorioso, “mesmo após a grande crise por que passou a religião grega, com o martelamento dos templos de seus deuses pelo imperador Flávio Teodósio...” através de muitas vicissitudes.<sup>(60)</sup>

Assimilado ao deus egípcio Tot, mestre da escritura e, por conseqüência, da palavra e da inteligência, mago terrível e patrono dos magos, que, já no século V a.C., era identificado a Hermes, como ensinou Heródoto (2, 152), bem como ao inventivo e solerte Mercúrio romano, o deus de Cilene, com o nome de *Hermes Trismegisto*, isto é, ‘Hermes três vezes Máximo’, sobreviveu através do hermetismo e da alquimia, até o século XVII (...) No mundo greco-latino, sobretudo em Roma, com os gnósticos e neoplatônicos, *Hermes Trismegisto* se converteu num deus muito

importante, cujo poder varou séculos. Na realidade, *Hermes Trismegisto* resultou de um sincretismo, como já se assinalou, com o Mercúrio latino e com o deus 'ctônio' egípcio Tot, o escrivão da psicostasia no julgamento dos mortos no Paraíso de Osíris e patrono, na Época Helenística, de todas as ciências, sobretudo porque teria criado o mundo por meio do *logos*, da palavra.<sup>(61)</sup>

Hermes teria sobrevivido "também através da alquimia".<sup>(62)</sup> Tendo sido o inventor da flauta, diante da qual Apolo ficara encantado, Hermes teria recebido deste em troca daquela "...além do caduceu, lições de mântica, de poder divinatório". Os símbolos iconográficos de Hermes são um chapéu com um "...formato especial, πέτασος (pétasos), o pétaso" e sandálias as quais tinham asas e um bastão, o "...caduceu com duas serpentes entrelaçadas na parte superior".<sup>(63)</sup>

Segundo Junito, "o *chapéu*, em muitas culturas, significou e significa ainda determinadas prerrogativas e sinal de autoridade. (...) Cobrindo a cabeça, sede da psique e da inteligência, o chapéu é um símbolo da *identificação*. Segundo Jung, trocar de chapéu é trocar de idéias, ter uma outra visão do mundo".<sup>(64)</sup>

As sandálias aladas, por sua vez,

...separam a terra do corpo pesado e vivente, daí a importância simbólica das *sandálias depostas*, rito maçônico que evoca a atitude de Moisés no monte Sinai, pisando descalço a *terra santa*. Descalçar a sandália e entregá-la ao parceiro era entre os judeus a garantia de um contrato. (...) As sandálias aladas, para Hermes e Perseu, são um símbolo de *elevação mística* e, para o filho de Maia particularmente, configuram o domínio dos três níveis.<sup>(65)</sup>

Entretanto, o *caduceu* é o principal símbolo de Hermes. O *caduceu* significa "bastão de arauto". Ele "...é um bastão em torno do qual se enrolam, em sentidos inversos, duas serpentes. Nesse enfoque, o caduceu serve de equilíbrio aos dois aspectos do símbolo da serpente, a direita e a esquerda, o diurno e o noturno, uma vez que esse réptil ctônio possui duplo aspecto simbólico: um benéfico, outro maléfico, cujo antagonismo e equilíbrio são representados pelo caduceu".<sup>(66)</sup>

Enfim, será o Deus Mensageiro, artífice da comunicação entre o logos finito e o logos infinito. *“Tu, mensageiro do deus, profeta do logos para os mortais...”*.<sup>(67)</sup>

Italo Calvino, apresenta Hermes - Mercúrio no mitologia romana - como “deus da comunicação e das mediações”. Segundo Calvino:

...todos os temas de que tratei nesta tarde, e talvez também aqueles da primeira conferência, podem ser unificados, já que sobre eles reina um deus do Olimpo ao qual rendo tributo especial: Hermes-Mercúrio, o deus da comunicação e das mediações, que sob o nome de Toth inventou a escrita, e que, segundo nos informa Jung em seus estudos sobre a simbologia alquímica, representa como ‘espírito de Mercúrio’ também o *principium individuationis*.<sup>(68)</sup>

Hermes-Mercúrio, o deus “...de pés alados, leve e aéreo, hábil e ágil, flexível e desenvolto, estabelece as relações entre os deuses e entre os deuses e os homens, entre as leis universais e os casos particulares, entre as forças da natureza e as formas de cultura, entre todos os objetos do mundo e todos os seres pensantes”.<sup>(69)</sup> Assim, Italo Calvino o escolhe como patrono de seu “projeto literário”.

Na sabedoria antiga, na qual microcosmo e macrocosmo se refletem nas correspondências entre psicologia e astrologia, entre humores, temperamentos, planetas, constelações, **as leis que regem Mercúrio são as mais instáveis e oscilantes. Mas, segundo a opinião mais difundida, o temperamento influenciado por Mercúrio (de inclinação para as trocas, o comércio e a destreza)** contrapõe-se ao temperamento influenciado por Saturno (tendente ao melancólico, ao solitário, ao contemplativo). Os antigos nos ensinam que o temperamento saturnino é próprio dos artistas, dos poetas, dos pensadores, e essa caracterização me parece correta. É certo que a literatura jamais teria existido se uma boa parte dos seres humanos não fosse inclinada a uma forte introversão, a um descontentamento com o mundo tal como ele é, a um esquecer-se das horas e dos dias fixando o olhar sobre a imobilidade das palavras mudas.<sup>(70)</sup>  
(gm)

Hermes-Mercúrio é o deus ágil, leve, alado e que encontra sua contraposição em Vulcano (Hefesto) com “...a andadura descontínua de seu passo claudicante e o cadenciado bater de seu martelo”. Segundo uma

interpretação de fundo junguiano, “Mercúrio e Vulcano representam as duas funções vitais inseparáveis e complementares: **Mercúrio a *sintonia*, ou seja, a participação no mundo que nos rodeia: Vulcano a *focalização*, ou seja, a concentração construtiva**”.<sup>(71)</sup> (gm)

Mercúrio e Vulcano são ambos filhos de Júpiter, cujo reino é o da consciência individualizada e socializada, mas por parte de mãe, Mercúrio descende de Urano, cujo reino era o do tempo ‘ciclofrênico’ da continuidade indiferenciada, ao passo que Saturno descende de Urano, cujo reino era o tempo ‘esquizofrênico’ do isolamento egocêntrico. Saturno [Cronos] havia destronado Urano, Júpiter [Zeus] havia destronado Saturno; por fim, no reino equilibrado e luminoso de Júpiter, Mercúrio e Vulcano trazem cada qual a lembrança de um dos obscuros reinos primordiais, transformando o que era moléstia deletéria em qualidade positiva: sintonia e focalização.<sup>(72)</sup>

Desse modo, conclui Calvino, o escritor deveria articular, em sua obra, Mercúrio e Vulcano como forças vitais de sua mensagem:

O trabalho do escritor deve levar em conta tempos diferentes: o tempo de Mercúrio e o tempo de Vulcano, uma mensagem de imediatismo obtida à força de pacientes e minuciosos ajustamentos; uma intuição instantânea que apenas formulada adquire o caráter definitivo daquilo que não poderia ser de outra forma; mas igualmente o tempo que flui sem outro intento que o de deixar as idéias e sentimentos se sedimentarem, amadurecerem, libertarem-se de toda impaciência e de toda contingência efêmera.<sup>(73)</sup>

## Notas

- (1) SERRES (1988, p. 6). No original: "Pour le travail comme dans la culture, les cinq dernières décennies ont vu, soudain, Hermès-messager, emblème de la communication, prendre la place de Prométhée, le héros de forges et des arts du feu, qui avait dominé le siècle passé. L'information succédait à la transformation; aux énergies dures se substituaient les douces, non certes pour réaliser les mêmes ouvrages, mais pour donner sa couleur et son style à la nouvelle civilisation." (Tradução: AZAMBUJA, C.).
- (2) Segundo JUNG (1995), para quem os arquétipos constituem parte importante do tecido subjetivo, são construções do "inconsciente coletivo", do imaginário social, os "maiores e melhores pensamentos da humanidade são moldados sobre imagens primordiais". Estas "imagens primordiais" ou "arquétipos" estão fundamentados em experiências vividas pelo conjunto da humanidade e que se repetem constantemente. "O arquétipo é uma espécie de aptidão para reproduzir constantemente as mesmas idéias míticas; se não, as mesmas, pelo menos parecidas. Parece, portanto, que aquilo que se impregna no inconsciente é exclusivamente a idéia da fantasia subjetiva provocada pelo processo físico. Logo, é possível supor que os arquétipos sejam as impressões gravadas pela repetição de reações subjetivas." (p. 61/2) Os arquétipos são imagens primeiras que se constituem como "forças ou tendências" que levam "à repetição das mesmas experiências". Dessa maneira, um arquétipo "traz consigo uma 'influência' específica ou uma força que lhe confere um efeito *numinoso* e fascinante ou que impele à ação." Assim é que, "a partir do tesouro das imagens primordiais", que se produzem as inovações e as novas formas (*eidōs*) da sociedade. O arquétipo seria, pois, "...uma espécie de força primordial que se apodera da *psique* e a impele a transpor os limites do humano, dando origem aos excessos, à presunção (inflação!), à compulsão, à ilusão ou à comoção, tanto no bem como no mal." (p. 61/2) É, a partir destas "imagens primordiais", que surgem e ressurgem os novos *eidōs* do social, as idéias e os heróis, gênios ou santos.
- (3) Segundo SOUZA BRANDÃO (1999), a "etimologia mais provável" de Prometeu, "provém de *πρό* (*pró*), "antes de" e *μηθος* (\**mêthos*), saber, ver", significa exatamente o que o latim denomina *prensens*, de *prudens*, o prudente, o 'pre-vidente', o que percebe de antemão. Filho do Titã Jápeto e da Oceânida Clímene, era irmão de Epimeteu, Atlas e Menécio." (v. I, p. 166).
- (4) HESÍODO (2001, p. 135).
- (5) Conforme BRANDÃO (1999), "com o sacrifício cruento em Mecone, (...) Prometeu, tendo abatido um boi e reservado astutamente para os deuses os ossos cobertos de gordura e para os homens as carnes, desencadeou a cólera de Zeus. Profundamente irritado com o logro do primeiro sacrifício que os mortais faziam aos deuses por meio de Prometeu, o senhor do Olimpo privou aqueles do fogo e pôs termo ao estado paradisiaco, quando os homens viviam em perfeita harmonia com os imortais. Ora, com sua recusa em comer carne, decisão de não participar de sacrifícios cruentos e prática do vegetarianismo, os órficos visavam também, de algum modo, a purgar a falta ancestral e recuperar a felicidade perdida." (v. II, p. 161).
- (6) HESÍODO (2001, p. 135-139).
- (7) Idem (1996, p. 25-27).
- (8) Segundo BRANDÃO (1999), "Pandora provém, em grego, de *pan*, todo, e *dôron*, dom, presente, e significa "a detentora de todos os dons", um presente de todos os deuses. Do ponto de vista religioso, Pandora é uma divindade da terra e da fecundidade." (v. I, p. 168).
- (9) HESÍODO (1996, 27).
- (10) Para BRANDÃO (1999), "Epimeteu, de *epí*, sobre, depois, e *μη-θεός* (*me-theús*), ver, saber. Por oposição a Prometeu, que vê antes, Epimeteu vê depois. E viu!" (v. I, p. 168).
- (11) Segundo LAFER, "Epimeteu é irmão e reverso de Prometeu; seu nome indica que ele tem a compreensão dos fatos só após terem eles acontecido, como podemos verificar no mito. Fala-se em "prometéia" e em "epimetéia", como formas de inteligência dos fatos." (1996, p. 29).
- (12) HESÍODO (1996, p. 23-29).
- (13) Idem (p. 31-36).
- (14) Idem (p. 45-49).
- (15) Idem (p. 51).
- (16) JAEGER (1995d, p. 85).
- (17) Idem (p. 89-90).
- (18) Idem (p. 95).
- (19) Idem (p. 100).
- (20) Idem (p. 103).
- (21) Idem (p. 105).
- (22) BRANDÃO (1999, V. I, p. 163/4).

- (23) Idem (p. 164).
- (24) Idem (p. 165).
- (25) Idem (p. 166).
- (26) Idem.
- (27) Idem (p. 167).
- (28) Idem.
- (29) Idem (p. 168).
- (30) Idem (p. 169).
- (31) Idem (p. 170).
- (32) Idem (p. 171).
- (33) Idem (p. 172).
- (34) Idem (p. 172/3).
- (35) Idem (p.173/4).
- (36) Idem (p. 176).
- (37) Idem (p. 177/8).
- (38) Idem (p. 179).
- (39) ÉSQUILO (1984a, p. 249/50).
- (40) Idem (p. 253-9).
- (41) Idem (p. 266).
- (42) Idem (p. 267-9).
- (43) Idem (p. 276).
- (44) ÉSQUILO (1984b, p. 219).
- (45) ÉSQUILO (1984a, p. 259).
- (46) JAEGER (1995f, p. 309).
- (47) Idem (p. 313) "Com o seu 'Zeus, quem quer que tu sejas', situa-se em atitude de adoração, em face da última porta por trás da qual se oculta o mistério eterno do Ser, o Deus cuja essência só pode ser pressentida nos efeitos dolorosos da sua ação, e que rasgou aos mortais o caminho dos conhecimentos, com esta lei: pela dor à sabedoria."
- (48) Idem (p. 309).
- (49) Idem (p. 310).
- (50) Idem (p. 311-3).
- (51) Idem (p. 313/4).
- (52) Idem (p. 314).
- (53) BRANDÃO (1999, V. I, p. 19).
- (54) HESÍODO (2001, p. 159)
- (55) KOKKINOY, VRISIMTZIS (1994, p. 11). No original: "The messenger of the gods, especially of Zeus. He was the god of commerce, protector of travelers and athletes as well as protector of orators, philosophers and intellectuals in general. He was also the conductor of the dead souls to Hades. He was born to Zeus and Maia (the daughter of Atlas)." (Tradução: AZAMBUJA, C.).
- (56) BRANDÃO (1999, V. II, p. 192).
- (57) Idem (p. 193).
- (58) Idem (p. 195).
- (59) Idem (p. 195/6).
- (60) Idem (p. 197).
- (61) Idem.
- (62) Idem (p. 199).
- (63) Idem (p. 205).
- (64) Idem (p. 205).
- (65) Idem (p. 206).
- (66) Idem (p. 206).
- (67) Idem (p. 207).

- (68) CALVINO (1990, p.64).
- (69) Idem (p. 64).
- (70) Idem (p. 64/5).
- (71) Idem (p. 66).
- (72) Idem.
- (73) Idem.